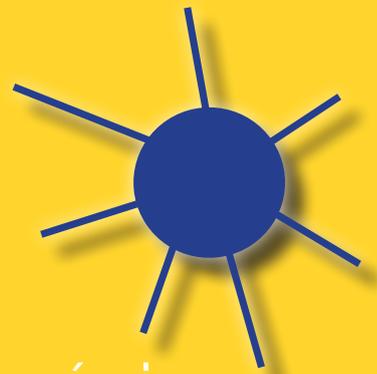


5^o Sebra MUS

seminário
brasileiro de
museologia



Museologia
em *movimento*:
lutas e resistências

PORTO ALEGRE - RS

Anais

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA
E COMUNICAÇÃO - FABICO

7 a 10 dez. 2022



ANAIS

ORGANIZADORAS

Profa. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS);

Profa. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);

Lizandra Caon Bittencourt (discente do Curso de Museologia e PPGMusPa/UFRGS);

Profa. Márcia Regina Bertotto (UFRGS)

Profa. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

5º SEBRAMUS

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA

Porto Alegre - RS

Museologia em movimento:
lutas e resistências

7 a 10 de dezembro de 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Criação da Identidade Visual:

Sofia Martinez – Design de Produto/UFRGS – Museu da UFRGS

Ana Porazzi – Design Visual/UFRGS – Museu da UFRGS

Capa e Editoração eletrônica:

Lizandra Caon Bittencourt

NÃO ILUSTRADO

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA**

S471a Seminário Brasileiro de Museologia (5. : 2022 : Porto Alegre, RS)
Anais... [recurso eletrônico] / Ana Carolina Gelmini de Faria ...[et al.]
(Organizadoras). – Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, 2023.

p.

Tema: Museologia em movimento: lutas e resistências

ISSN: 2446-8940

1. Museologia - Eventos. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de (Org.). II. Título.

CDU: 069

**MUSEALIZAÇÃO DO HIP HOP: uma análise da implementação do
Museu da Cultura Hip Hop-RS**

Giovanna Veiga dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestranda no Programa
de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio

Márcia Regina Bertotto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente do curso de graduação em
Museologia e do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio

RESUMO

Este artigo analisa as ações responsáveis pela criação e atuação do Museu da Cultura Hip Hop - RS e terá como ponto de partida as noções da Museologia Social e das práticas de musealização. O texto, embasado no projeto para dissertação de mestrado no Programa de Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS) discorre brevemente sobre a trajetória histórica do movimento *hip hop* e sua chegada ao Brasil e ao Rio Grande do Sul. Aborda o projeto do Museu da Cultura Hip Hop - RS especificando suas características em relação aos pressupostos da Museologia, mais especificamente sobre a participação da comunidade nos projetos da Museologia Social. Explora a questão dos processos de musealização, a partir da descrição e análise das atividades desenvolvidas pela instituição. Observa que a concepção dessa instituição está baseada nas noções da Museologia Social e que o processo de musealização das memórias do movimento hip hop vem ocorrendo a partir de seu contexto em conjunto com as convenções da Museologia.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia Social. *Hip Hop*. Musealização. Museu da Cultura Hip Hop - RS

ABSTRACT

This article will analyze the actions responsible for the creation and performance of the Museu da Cultura Hip Hop - RS. This study will have as a starting point the notions of Social Museology and musealization practices. For this, first, the text briefly discusses the historical trajectory of the hip hop movement and its arrival in Brazil and Rio Grande do Sul. After this introduction, the project of Museu da Cultura Hip Hop - RS is presented specifying its characteristics, to then relate it to the assumptions of Museology, more specifically on the participation of the community in Social Museology projects. Furthermore, the issues of musealization processes will be explored, based on the description and analysis of the activities developed by the institution. Thus, it was observed that the conception of this institution is based on the notions of Social Museology and that the process of musealization of the memories of the hip hop movement has been taking place from its context in conjunction with the conventions of Museology.

KEYWORDS

Social Museology. Hip hop. Musealization. Museu da Cultura Hip Hop - RS

1 O início da trajetória do hip hop no Rio Grande do Sul

O hip hop é um movimento social, cultural e político, que surgiu nos anos de 1970 no bairro do *Bronx*, na cidade de Nova Iorque. Nesse espaço, emergiu-se como uma alternativa para o lazer da periferia e também como tentativa de sobrevivência da juventude. É um movimento composto, em sua maioria, por pessoas não-brancas, seu início é marcado pela junção entre as populações e culturas afro-americanas, latinas e jamaicana (SANTOS, 2021). Na sua origem, o hip hop estava atrelado à diversão e às festas de bairro, mas a denúncia e a resistência de caráter político, social e racial são suas principais particularidades (LÉLIS, 2011).

Em seu início, o hip hop era composto por quatro elementos: a batida, por meio do DJ; o rap, através do MC; o grafite, que é a arte plástica; e a dança por meio do breaking. Após, foi acrescentado o elemento “Conhecimento” pensado por Afrika Bambaataa e a organização liderada por ele, a *Zulu Nation*. Este quinto elemento auxilia a caracterizar esse movimento como uma ferramenta de transformação, mas também como uma cultura com embasamento teórico (FONSECA, 2021). Segundo Santos (2021), Afrika Bambaataa é um DJ, ex-líder da gangue *Black Spade* e um dos pioneiros do movimento e criador do termo hip hop. Já a *Zulu Nation*, é uma organização não-governamental que tem como princípio a paz, a união e a diversão.

O hip hop chega ao Brasil primeiramente em São Paulo, e propaga-se de forma muito rápida pelas variadas regiões (LÉLIS, 2011). Em algumas localidades do país, esta cultura está amplamente associada à *Black Music*. Seus eventos e bailes buscavam valorizar as estéticas e as artes da cultura negra. É nesse contexto e nesses espaços que os elementos do hip hop começam a se manifestar e a ser conhecidos por um maior número de pessoas. Esse deslocamento ocorre do início até a metade dos anos de 1980 (MAFFIOLETTI, 2010).

Apesar do movimento ser estrangeiro, possui a capacidade de se integrar e realizar ações contextualizadas em relação ao território e as culturas em que está inserido. No caso do Rio Grande do Sul, ele chegou durante a década de 1980, sendo o Rap o elemento com maior expressão; no início dos anos 2000 o estado contava com cerca de 500 grupos de Rap. Além disso, ao longo da história foram realizados diversos eventos relacionados ao movimento, assim como foram instituídas leis que asseguram a presença da cultura hip hop no estado como por exemplo a Lei Municipal 10.378/08, que insere a Semana Municipal do Hip Hop no calendário oficial de eventos de Porto Alegre, e a Lei Estadual 13.043/08, de setembro de 2008, que estendeu a Semana a todo estado (GOULART et al, 2010).

Mesmo o hip hop sendo um movimento que surgiu nos Estados Unidos, ele se espalhou para diversas localidades do mundo e foi recebendo diferentes características conforme o contexto territorial e cultural. Como mencionado acima, esse deslocamento também aconteceu no Rio Grande do Sul, e hoje o estado conta com uma cena repleta de sujeitos ativos dessa cultura, seja como artistas, produtores, ou em outras funções. O hip hop no Rio Grande do Sul possui um percurso histórico que surgiu nos anos de 1980 e que segue sendo construído nos dias atuais. É nesse contexto que surge a proposta de criação de um museu que compreendesse a história e as ações do movimento na região.

O Museu da Cultura Hip Hop - RS nasce como uma construção coletiva, com realização da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE). O museu está em período de criação e de construção. A instituição está em processo de instalação em um prédio cedido pela Prefeitura de Porto Alegre, na Rua Parque dos Nativos, 515, na Vila Ipiranga, que antes abrigava a Escola Estadual de Ensino Fundamental Doutor Oswaldo Aranha. Conforme reportagem de Marcelo Ferreira do portal de notícias Brasil de Fato (2021), o projeto do museu busca a valorização da trajetória histórica do Hip Hop no Rio Grande do Sul para que sirva de exemplo para as futuras gerações. O museu se propõe a trabalhar problemáticas causadas pelo colonialismo, o patriarcado e até mesmo o capitalismo. Considerando que sua característica de organização é coletiva, a instituição pretende continuar propagando essa forma de atuação, por meio do incentivo à participação da comunidade na rotina do museu.

Após essa breve apresentação da história e trajetória do hip hop e da criação do museu, no capítulo seguinte serão apresentadas, mais especificamente, as ações dessa instituição até o momento e seus pontos de relação com a Museologia, principalmente com as noções presentes na teoria museológica. Entre os assuntos explorados e relacionados com o museu estão, a Museologia Social e a musealização.

2 O Museu da Cultura Hip Hop - RS e como se relaciona com a Museologia

O início da execução do projeto do Museu da Cultura Hip Hop - RS deu-se no ano de 2021. Desde a primeira divulgação de sua criação pelas redes sociais, a equipe de colaboradores vem elaborando diversas ações que possibilitam o planejamento, a criação e a execução desta instituição museológica. Segundo texto presente no site da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio

O primeiro Museu da Cultura Hip Hop da América Latina vai ser um espaço de valorização da memória desta expressão cultural das periferias. Vai oferecer atividades formativas, oficinas de contraturno escolar de Hip Hop, DJ, MC, grafite, dança e slam, além de contar com horta comunitária, quadra poliesportiva e estímulo a esportes de rua como skate, basquete, futebol, voleibol e outras áreas de interesse da comunidade onde está inserido (MUCHRS, s.d. doc. eletrônico).

A partir desse trecho, percebe-se que está inserida na criação deste museu a noção de uma instituição ativa na comunidade a que pertence, tanto no sentido territorial, quanto no temático, pois há uma preocupação em atingir, a partir de suas ações, os sujeitos do movimento hip hop e também aqueles que agora farão parte da vizinhança do museu. Ademais, observa-se que o museu se propõe a abarcar a questão histórica, por meio das exposições temáticas, mas também incluir diversas atividades, como as oficinas dos elementos do hip hop, as atividades esportivas, entre outras.

Além do interesse em integrar o ambiente, a comunidade e o hip hop, identifica-se, a partir das suas interações nas redes sociais e das atividades que produziram até o primeiro semestre de 2022, que o projeto do Museu da Cultura Hip Hop - RS é coletivo em sua organização e gestão. Mesmo sendo de realização de uma associação já estabelecida nesse meio cultural, o museu enfatiza em suas ações a necessidade da participação dos sujeitos do movimento em seu planejamento e atuação, assim como busca elucidar a forma horizontal em que sua equipe se organiza.

A participação e o trabalho coletivo são perceptíveis na etapa de pesquisa histórica onde foram realizados nove fóruns nas diferentes regiões do Rio Grande do Sul. As reuniões foram virtuais e aconteceram entre julho e setembro de 2021, tendo os municípios de Porto Alegre, Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Esteio e Tramandaí, como satélites para reunir os agentes das regiões. Ao total foram mais de 400 indivíduos envolvidos nesta etapa, entre participantes dos fóruns, equipe da ACHE e pesquisadores externos. Nestes grupos focais, os agentes do hip hop eram convidados a contar sua trajetória no movimento, assim como contribuir na elaboração histórica desta cultura no estado, destacando suas características, jornadas e participantes pioneiros (RELATÓRIO DE PESQUISA HISTÓRICA MUSEU DA CULTURA HIP HOP RS, 2021). Também se observa a participação da comunidade na etapa de coleta de acervo intitulada “Na estrada”.

Além dessas ações, a participação da comunidade também pode ser observada a partir do perfil do Museu da Cultura Hip Hop - RS no *Instagram*. Em sua página o museu compartilha diversas postagens referentes ao andamento do projeto, divulgação de seus eventos, assim como reproduz alguns acervos, identificando-os e realizando uma breve descrição. Sua página tem mais de 3.500 seguidores e o número de curtidas varia. Porém, nesse momento o que se destaca para analisar a participação da comunidade são os comentários. Estes, incluem comemorações das conquistas do museu e de apoio à instituição, descrevem memórias relacionadas à história do hip hop e expressam seus sentimentos de felicidade pela execução deste projeto. Dessa forma, observa-se que além de participar das ações, a comunidade também está presente nas redes, apoiando o projeto e compartilhando suas opiniões.

Como evidenciado anteriormente, essa intenção da participação coletiva está presente nos discursos institucionais do museu e com a análise de suas ações, fica evidente que esse desejo

pelo engajamento da comunidade se traduziu nas atividades que tem realizado. Percebe-se que há um grande número de indivíduos colaborando nas diversas instâncias no museu, seja com informações históricas, com doação de acervo ou com a comunicação e respostas nas redes sociais.

A partir dessas colocações, analisando pontos de articulação entre este museu e a Museologia, é possível afirmar que este objeto de pesquisa se situa no campo museal dentro da noção da Museologia Social. Visto que nesta visão as práticas museológicas ganham novas finalidades, agora muito mais associadas ao sujeito e com uma atenção especial aos diversos contextos sociais que a organização se insere, a partir de uma visão de coletivo. Sobre este conceito, de acordo com Átila Tolentino,

A museologia social, por sua vez, é uma prática museológica que tem como pressupostos uma museologia que desloca seu foco do objeto para o homem, considerando-o como sujeito produtor de suas referências culturais, e engajada nos problemas sociais, de uma forma integral, das comunidades a que serve o museu (TOLENTINO, 2016, p. 31-32).

Dessa forma, a Museologia passa a abarcar um número maior de possibilidades de atuação, além disso, se desprende de uma visão única e amplia sua colocação nas diversas realidades sociais. Para o autor (TOLENTINO, 2016), essa nova percepção se deu em virtude das influências das lutas sociais na Museologia, estas que ocorreram nos mais diversos locais do mundo a partir de 1960. Foi a partir dessas novas movimentações que levaram os museus a dedicarem-se também ao desenvolvimento sociocultural.

Segundo a página “Museologia Social” no portal do Instituto Brasileiro de Museus (s.d.), a Museologia Social tem em sua essência a defesa do museu como uma ferramenta comunitária e participativa, a fim de que seja possível que os indivíduos pesquisem, compreendam e preservem suas histórias à sua própria maneira. Nesta concepção, as decisões sobre as memórias que devem ser salvaguardadas são coletivas, com a intenção de que cada comunidade tenha o controle sobre si mesma. A democratização dos museus, está além dos acessos às instituições museológicas, é a apropriação da instituição como forma de autorrepresentação, onde não se delimite as ideias sobre certos grupos a olhares externos, mas que venha de dentro para fora.

Entende-se que na Museologia Social, a partir da perspectiva de Tolentino (2016), a função social faz parte da missão do museu. Nesse sentido, abrange mais do que um discurso, a preocupação social e a inclusão da comunidade também está nas suas atividades cotidianas, visto que suas ações possuem características diversas, são instituições que abrigam acervos de diferenciadas tipologias ou, muitas vezes, nem existem. São espaços que têm sua preocupação voltada especialmente, ao desenvolvimento sociocultural. Portanto, confirma-se que a lógica da museologia social se faz presente no Museu da Cultura Hip Hop - RS. Percebe-se essa característica, tanto por meio da visão que os realizadores possuem sobre o campo de atuação da instituição,

quanto através da análise das metodologias utilizadas na realização das atividades que o museu propõe.

Após essa breve discussão em relação ao enquadramento do museu dentro do campo das museologias, avançaremos na análise mais específica sobre seus processos museológicos. Ao longo da história dos museus é possível observar diversas transformações institucionais que ocorreram, cada uma trazendo novas características às instituições museológicas e com mudanças em relação às questões em que o museu trabalha.

Essas novas concepções de museus, como por exemplo: museus que contemplaram essa característica social e comunitária, trazem com elas novas e mais variadas possibilidades para as atividades, os objetos de museus, as coleções e os processos de musealização. Essa característica traz à tona as diversas alternativas que estes espaços proporcionam em seu cotidiano de trabalho, podendo a musealização, um dos principais conjuntos de práticas, que selecionam, documentam e divulgam as coleções, possuir também uma multiplicidade de ações, que irão depender das intenções e funções de cada instituição.

Em relação ao conceito de musealização, percebe-se que começou a ser mais explorado nas produções a partir da década de 1980, e consiste em uma cadeia de processos que possibilitam um olhar reflexivo e museológico para um conjunto de bens. Cury afirma que

[...] entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo. (CURY, 2005, p. 26)

Então, observa-se que compreender o processo de musealização dos bens possibilita o entendimento de diversas relações que ocorrem nos espaços museológicos. Verifica-se que são ações que possibilitam que um objeto saia do seu circuito utilitário e receba novos significados e funções, agora em um cenário museológico. Considerando que cada museu possui especificidades, tipologia, acervo e temática, esses processos podem sofrer alterações conforme essas características das instituições e dos seus acervos.

Mário Chagas também é um dos autores que conceitua e caracteriza a musealização

A passagem do museável para o musealizado é que se denomina de processo de musealização. Mesmo não sendo a única, a musealização é uma forma efetiva de preservação de bens culturais. Ainda que a preservação possa ser voluntária e involuntária, a musealização é sempre resultado de um ato de vontade. Nesta ordem de idéias, pode-se estabelecer que a musealização - de curta ou de longa duração - é uma construção voluntária, de caráter seletivo e político, vinculada a um esquema de atribuição de valores: culturais, ideológicos, religiosos, econômicos etc. (CHAGAS, 1994, p. 54).

Na perspectiva de Chagas (1994), identifica-se que quando realizado, o processo de musealização possibilita a preservação dos bens. Além disso, observa-se que o autor destaca

este processo como a seleção e a atribuição de valores para determinados fragmentos culturais. Dessa forma, reconhece-se que a musealização dos bens e acervos possibilita e pode influenciar na preservação de vestígios da sociedade, de grupos sociais e de variadas expressões culturais. Na abordagem de Chagas (1994) fica clara a sua intenção de evidenciar que a musealização é um processo seletivo e político, que carrega diferentes intenções.

Quando se reflete sobre o processo de musealização é relevante destacar sua propriedade seletiva, visto que é um processo político, que carrega variadas intenções e subjetividades, o que pode acarretar em certas valorizações ou apagamentos de determinadas histórias, grupos sociais ou expressões culturais, nos acervos de museus. Porém, a musealização também pode ser utilizada como ferramenta para modificar este ciclo, a fim de evidenciar os grupos e culturas que sofrem desse processo de marginalização na sociedade e que se reflete nas instituições museológicas, como é o caso do Museu da Cultura Hip Hop - RS.

Pensar a musealização nessa instituição é pensar em processos que façam parte das trajetórias dos objetos no museu como a aquisição, documentação e comunicação dos mesmos. Porém, por se tratar de um museu com características diferenciadas das instituições tradicionais, essas ações podem ocorrer com certas especificidades e particularidades se comparadas aos de outros espaços de memórias, mais convencionais.

Considerando que o Museu da Cultura Hip Hop - RS ainda está em processo de criação, com etapas ainda em desenvolvimento, nem todos os passos da musealização poderão ser analisados, mas usaremos as atividades realizadas até o primeiro semestre de 2022 como fontes para essa escrita. Primeiramente, a musealização nesse museu inicia-se nas campanhas para a doação de acervo nas redes sociais da instituição e durante as reuniões da etapa da pesquisa histórica. O incentivo para que a comunidade do hip hop cedesse seus bens com valor histórico para o movimento veio juntamente com a instrução do que poderia se tornar acervo de museu, isso se deu pela exemplificação nas conversas e nas postagens dos tipos de objetos que poderiam ser inseridos na coleção.

A etapa “Na estrada” consistiu no processo de coleta dos objetos doados para o museu nas nove regiões do Rio Grande do Sul, nos municípios de Porto Alegre, Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Esteio e Tramandaí. Durante os eventos foram realizados discursos sobre o projeto do museu e apresentações artísticas referentes aos elementos do *hip hop*, porém, o foco principal estava no recebimento dos objetos, futuro acervo. O método iniciava com equipe da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio explicando ao doador sobre o procedimento de doação e, então, o doador preenchia a documentação confirmando a troca de posse do objeto para o Museu.

A maioria dos formatos de aquisição durante esse processo se deu por meio da doação, mas a equipe também esclareceu que o doador poderia escolher por fazer um empréstimo ao museu por tempo determinado por ele, caso quisesse ter o objeto de volta em certo momento. Caso fosse

um item afetivo para o doador ou raro, o hiphoper poderia escolher que fosse feita a digitalização do acervo, neste modelo o museu fica com a cópia do conteúdo.

O processo seguia com a realização de uma entrevista com o doador, com a intenção que ele contasse sua trajetória no movimento, narrasse sobre o início e a articulação do hip hop na sua região e descrevesse brevemente os itens que estavam sendo doados. É importante destacar que o foco dessa conversa estava mais na trajetória do próprio doador do que nos objetos, pois a equipe responsável avisava que se fossem necessárias informações mais detalhadas sobre determinado objeto, eles entrariam em contato com o doador.

Entre os tipos de objetos doados estão: camisetas; cadernos de desenho; troféus; cartazes de eventos; jornais; CD's; DVD; flyer de eventos; fanzines; microfones; bonecos; instrumentos musicais; telas de pintura; latas de spray; adesivos, entre outros. Os itens foram numerados em referência ao doador, o que significa que não possuem número de registro individual, apenas em grupo. Os objetos foram acondicionados em sacos plásticos ou em papel kraft e guardados em uma sala no segundo piso da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio. Ao ser mencionado o local de guarda foi especificado que seria o espaço com menos umidade da edificação e com possibilidade de ventilação e após às reformas, seriam levados ao espaço do museu no município de Porto Alegre-RS.

De acordo com a *live* realizada no canal do *YouTube* da ACHE “Conheça as ações que estão construindo o Museu da Cultura Hip Hop RS” (2022), no dia 25 de junho de 2022, o projeto “Na estrada” teve a representação de 50 municípios do Rio Grande do Sul de todas as regiões do estado, com a participação de mais de 200 agentes do hip hop, com a doação de mais de 6 mil itens de acervo, tanto físicos, quanto digitais e possuem a perspectiva de agregar ainda mais 4 mil objetos à sua coleção antes da inauguração do espaço físico.

Além desses processos, a comunicação deste acervo já iniciou, ainda não em formato de exposição, mas por meio de postagens nas redes sociais. O perfil do museu no *Instagram* (@museuhiphops) é muito ativo, sua primeira postagem foi realizada em 23 de junho de 2021 e até o mês de julho de 2022 já foram postadas 226 publicações. Em relação aos conteúdos de suas publicações, percebe-se que são de origens e assuntos variados, mas todos relacionados ao museu ou ao hip hop. As publicações com maior número de interações são aquelas referentes ao andamento do projeto e atividades do museu.

Então, a partir do estudo das atividades que o Museu da Cultura Hip Hop - RS têm proposto, observa-se que há o conhecimento de questões gerais da prática museológica da parte da equipe responsável pelo museu. Assim como, identifica-se que os procedimentos da musealização estão sendo realizados pela instituição, mesmo que com especificidades devido a sua tipologia de museu e pela particularidade do seu tema e de seu acervo.

3 Considerações finais

O movimento hip hop nasceu nas ruas de Nova Iorque na década de 1970, porém devido à sua característica de ser uma comemoração das fusões culturais, mas ao mesmo tempo uma forma de resistência da juventude periférica, se expandiu rapidamente para as mais diversas localidades. O Brasil foi um dos países rapidamente exposto à esta cultura e, a partir daí, se apropriou e fez as modificações necessárias para seu contexto social.

Nessa conjuntura, o Rio Grande do Sul se tornou um dos palcos do *hip hop*, que desde a década de 1980 têm produzido e divulgado este movimento. A partir dessa forte cena do gênero no estado e sua longa jornada, os próprios sujeitos dessa comunidade sentiram a necessidade de realizar um projeto que possibilitasse a propagação da trajetória do movimento no Rio Grande do Sul. É nesse contexto que surge o Museu da Cultura Hip Hop - RS, que visa divulgar para as próximas gerações a história e os agentes pioneiros, responsáveis pelo desenvolvimento desta cultura na região.

Em um movimento de análise da articulação entre as práticas do museu e os pressupostos da Museologia, percebe-se que a concepção dessa instituição está baseada nas noções da Museologia Social, que consiste em uma prática museológica que tem como foco o indivíduo e suas relações e não mais o objeto. Verificando a forma de atuação do Museu da Cultura Hip Hop - RS identifica-se que sua função social está presente em todos os processos, tanto nos discursos, quanto nas ações práticas por meio da inclusão da comunidade e da atenção às situações sociais do seu entorno e dos seus sujeitos.

Considerando a musealização como ações desenvolvidas sobre os objetos, como a pesquisa, a documentação, a comunicação, entre outros, que carregam o fator de seleção e atribuição de valores e com isso se tornam um processo seletivo com diferentes intenções, identifica-se que está sendo empregue no Museu da Cultura Hip Hop - RS. Isso se dá, devido a execução das ações de coleta de itens, documentação e comunicação que o acervo do museu recebeu. Mesmo tendo características diferenciadas dos processos museológicos de museus tradicionais, a musealização da memória do hip hop vem ocorrendo a partir de seu próprio contexto em conjunto com as convenções da Museologia.

Portanto, verificou-se que o Museu da Cultura Hip Hop - RS está comprometido com sua função social, por meio do incentivo a participação da comunidade do seu entorno e do hip hop e a partir dos temas e narrativas que estão dispostos a trabalhar como às questões raciais, a decolonialidade e o machismo dentro do movimento. Da mesma forma, constatou-se que a equipe responsável pelas ações do museu tem embasado suas condutas e trabalhos nas noções técnicas das ciências sociais, nos processos de pesquisa, e da museologia, em sua forma de tratamento com o acervo e suas percepções sobre a gestão e atuação do museu.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário. No museu com a turma do Charlie Brown. *In*: CHAGAS, Mario de Souza. *Novos rumos da Museologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1994. p. 07-30. (Cadernos de Sociomuseologia, 2).

CONHEÇA AS AÇÕES QUE ESTÃO CONSTRUINDO O MUSEU DA CULTURA HIP HOP-RS. Produção Associação da Cultura Hip Hop de Esteio. Brasil, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8GPLT2mHgQE&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3odaCulturaHipHopdeEsteio

CURY, Marília Xavier. *Exposição – concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

FERREIRA, Marcelo. *Primeiro museu da cultura Hip Hop da América Latina será inaugurado no Rio Grande do Sul*. Brasil de Fato. Porto Alegre, 02 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/02/primeiro-museu-da-cultura-hip-hop-da-america-latina-sera-inaugurado-no-rio-grande-do-sul> Acesso em: 08 de abril de 2022

FONSECA, Gabriel de Lima. *Pedagogia Hip Hop: a cultura como ferramenta educacional*. 2021. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.

GOULART, Sueli et al. *Práticas organizativas de grupos de Hip Hop em Porto Alegre: uma análise à luz de Guerreiro Ramos*. *In*: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, N 6., 2010, Salvador. Anais do Evento. Salvador: CULT, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24782.pdf>

LÉLIS, Renan. *A regionalização do hip hop no Brasil sob a ótica da geografia: Horizontalidades e verticalidade*. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 201. p. 1-10.

MAFFIOLETTI, Cássio de Albuquerque. *Movimento Hip Hop em Porto Alegre: Rede de relações e protagonismo juvenil*. 2010. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

MUCHRS, s.d. *Associação da Cultura Hip Hop de Esteio*. Disponível em: <https://achesteio.com.br/muchrs>. Acesso em: junho de 2022

MUSEOLOGIA SOCIAL. *Saber Museu - Instituto Brasileiro de Museus*. Disponível em: <https://sabermuseu.museus.gov.br/museologia-social-2/> Acesso em: 24 de março de 2022

MUSEUHIPHOPRS. Perfil do Museu da Cultura Hip Hop-RS no *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/museuhiphops/>

RELATÓRIO DE PESQUISA HISTÓRICA MUSEU DA CULTURA HIP HOP RS, 2021, p. 97.

SANTOS, Giovanna Silveira. *Contranarrativas periféricas: o movimento Hip Hop como agente de memórias*. 2021. 236 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

TOLENTINO, Átila Bezerra. *Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais*. Cadernos

de Sociomuseologia, v. 52, p. 21-44, 2016.